

O Gaiato



PORTE
PAGO

Quinzenário * 25 de Dezembro de 1982 * Ano XXXIX — N.º 1012 — Preço 5\$00

Propriedade da Obra da Rua

Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo

NOTA DA QUINZENA

O Homem sente-se só no deserto da cidade, isolado no meio da multidão, um entre tantos.

Um café; um bilhete; corre ao metro; um número que fala na bichá da consulta e no pagamento do imposto.

No coração dos pais: o sustento da casa; o estudo dos filhos; seu comportamento; medo contínuo que lhes aperta o coração.

No coração dos filhos: as dificuldades de acesso ao ensino, ao emprego e à habitação.

Vivemos todos muito tristes, afadigados e vazios de esperança. O caminho ficou agreste e íngreme. Para muitos sem sentido: nem um motivo para subir ao monte, ou uma luz no cimo.

Todas as coisas porque lutamos são tão frágeis e efémeras! E nós em vez de meios para o fim... fazemos delas a nossa pátria...

Como o povo de Deus, trocámos Este pelo bezerro de ouro!

E eis-nos vazios... com o coração cheio de angústia.

Só quebrando, sem hesitar, o bode doirado! Dentro de nós, um abanão, um corte e um renascer! Depois, a caminhada para a fé e esperança no Senhor que vem! Regresso e presença do Senhor em nossas vidas. Que cada um os cultive

dentro do lar e no trabalho de cada dia.

Digo cultivar, pois sempre me encantou o cuidado carinhoso que as senhoras põem nos vasos de flores e plantas das marquises e varandas; o mesmo esmero no arranjo de toda a casa. Mas na maior parte de nossas famílias nem um só gesto ou sinal do Senhor!

Uma grande parte O esconde com medo de que os outros O possam encontrar em suas casas. Abre o teu coração!

Quando dispusermos o nosso coração para O receber — o Senhor virá!

Logo que em nosso lar, Ele seja o maior... Primeiro que os amigos — Ele virá!

No momento em que, por Ele, deitarmos fora todos os medos e conveniências sociais — virá realmente!

Que Ele venha e informe as nossas vidas de modo que nos conheçam pela prática do Evangelho em palavras e obras.

Cultivemos Sua presença em nossos lares — como quem cuida da flor mais bela e única!

Se tu quiseres, o Senhor virá, neste Natal, numa brisa suave... Fica atento e à escuta!

O nosso jornal O GAIATO vem ao teu lar em gesto de paz e alegria, que te desejamos do fundo do coração.

Padre Telmo



O sorriso angélico do Marco — filho do nosso Adegas — é mensagem de Natal da Obra da Rua.

Jordão e pede a João Baptista que O baptize. E o Pai apresenta-O: «O Espírito desceu sobre Ele em forma corpórea como uma pomba. E uma voz veio do Céu: — Tu és o Meu Filho muito amado; em Ti pus todo o Meu enlevo».

Mais tarde, no Tabor, «uns oito dias depois do primeiro anúncio da Paixão», ouvir-se-á na Terra pela derradeira vez a voz do Pai que confirma a condição divina do «Filho do Homem» e conclui: «Escutai-O.»

...«Nos últimos tempos Deus nos falou por Seu próprio Filho.»

Falou e continua falando, até ao fim do Tempo, até aos confins da Terra: «Toda a Terra verá a Salvação do nosso Deus».

Cristo é tudo quanto o Pai tem para nos dizer. Só o Filho conhece o Pai e O pode dar a conhecer. Só por Ele chegamos ao Pai — a meta eterna que é o destino do Homem.

As palavras de Cristo são como água que jorra de uma fonte. É preciso ir à fonte para a beber. Ele é a Fonte. Ele é a Palavra que resume todas as divinas palavras. Ouvir-O é caminhar para a união com Ele — até que Ele esteja em nós e nós n'Ele, como o Pai e Ele são Um só. Deus nada mais tem para nos revelar

NATAL

É fácil dissiparmo-nos diante do Presépio, encantados, cheios de sentimentos de ternura, esquecidos de que o Menino, igual, na aparência, aos nossos meninos, é o Filho Eterno de Deus, o Seu Verbo, a Palavra por Quem tudo quanto fez foi feito e por Quem, definitivamente, diz aos homens todo o necessário para que eles possam recriar-se à imagem do Homem Novo «criado na Justiça e Santidade verdadeiras».

«Outrora Deus falou muitas vezes de muitos modos a nossos pais, pelos profetas...»

Toda a mensagem comunicada na Velha Aliança aponta para Cristo. Promete-O; anuncia-O; traça o Seu perfil — a fim de que, quando vier, os homens possam reconhecê-lo e acreditá-lo.

Na hora em que Ele veio, mandou Deus Seus Anjos a assinalá-lo. Os Pastores, os Magos, Simeão, Ana — gente de coração manso e humilde como o d'Ele — compreenderam. «José e Maria admiravam-Se com o que se dizia d'Ele.» E «a Mãe guardava na alma todas estas coisas acerca do Seu Filho».

No alvorecer da Vida Pública, Jesus aparece nas margens do

depois que Se nos disse no dom do Seu Filho. Ir a Ele, tomar posse d'Ele é o projecto do Homem que toma consciência do seu destino.

O Evangelho é a manifestação de Jesus. A mensagem que Ele traz, leva-nos a Jesus. «Quem Me vê, vê o Pai» — respondeu Ele ao Apóstolo Filipe quando este, assumindo em si o mais profundo e universal anseio que mora no coração do Homem, Lhe pediu: «Mostra-nos o Pai e isso nos basta!»

Deus torna-Se-nos, pois, acessível em Seu Filho — esse Menino que nós contemplamos ternamente no Presépio, mas que devemos olhar também, e sobretudo, na perspectiva da intenção de Deus: com a nossa inteligência transfigurada pela Graça Suprema que é Ele próprio — a Palavra que eternamente exprime o Conhecimento divino de Si-mesmo e é o Objecto adequado do amor do Pai — Palavra agora posta no centro da Humanidade para nos tornar possível conhecê-lo e fazer de nós objecto capaz do Seu amor.

Este é o Mistério da Salvação de que o Natal é apenas o princípio.

Padre Carlos

Ao contrário do que muita gente pensa somos de parecer que nem tudo o que é moderno representa progresso, ao mesmo tempo que sustentamos não haver necessária identificação entre evolução técnica e material com avanço moral e espiritual. Daí que, faltando este último, se verificam autênticas regressões humanas.

Como assinala João Paulo II na «Familiars Consortio», depois do desenvolvimento industrial e urbanístico verificado em certos lugares, muitas vezes de maneira desordenada, forçou-se e continua a forçar-se os anciãos a situações inaceitáveis de marginalização que

são fonte de atroz sofrimentos para eles e de empobrecimento espiritual para muitas famílias. Quer dizer que a simples passagem da ruralidade à civilização industrial ou urbana não significa, por si só, progresso humano.

As transformações sociais operadas, tendo em vista apenas os cifrões dum desenvolvimento meramente económico ou os índices de quantificações materiais mais ou menos sofisticados, não trazem neces-

sariamente felicidade e bem-estar às populações. As emigrações internas e externas põem, por exemplo, graves problemas humanos que não podem ser apreciados à luz de simples números. Os idosos sofrem mais do que ninguém, na sua carne e no seu espírito, as consequências deletérias dos desequilíbrios verificados, sendo postergados para uma situação de autêntica desumanidade, votados à solidão e sem respeito, afecto e com-

preensão dos restantes grupos etários.

As pessoas, movidas apenas pelos valores materiais, olvidam aqueles que os geraram ou precederam. Um egoísmo feroz impede a visão nata das coisas, esquecendo que, naturalmente amanhã, também, os jovens ou os homens da 2.ª idade, serão anciãos. Pôr os idosos num asilo ou em lares da 3.ª idade, pura e simplesmente, pode representar um autêntico abandono, pois é na

família que se devem encontrar as respostas possíveis. «Asilos e quejandos», como citávamos há tempos, «só nos casos de incapacidade familiar» (Pai Américo).

João Paulo II, que aos idosos tem dedicado sempre grande carinho e atenção, diz-nos que «a vida dos anciãos ajuda-nos a esclarecer a escala dos valores humanos; mostra a continuidade das gerações e demonstra maravilhosamente a interdependência do povo de Deus. Os anciãos têm além disso o carisma de quebrar as barreiras entre gerações, antes que se consolidem». E,

Cont. na 3.ª página

AQUI LISBOA!

PELAS CASAS DO GAIATO

Paço de Sousa

NATAL — A Festa aproxima-se. E, com ela, o desejo de todos nós pelos acontecimentos que caracterizam este dia sagrado em todos os aspectos.

Na próxima edição diremos como foi a Festa em nossa Aldeia. Agora, só nos resta desejar a todos os leitores um santo Natal e próspero Ano Novo.

DESPORTO — O tempo frio e chuvoso, característico desta época do ano, já se faz sentir. Mas nem por isso, em nossa Aldeia, o desporto tem sido afectado.

Em 27 de Novembro defrontámos a Académica de Espinho, equipa composta de um bom lote de jogadores. O encontro decorreu com o terreno em mau estado; mas, ainda assim, não deixámos de apreciar uma boa equipa de futebol. Foi o melhor jogo realizado no início desta temporada. Ganhámos por 3-2.

No dia 4 do corrente defrontámos a equipa dos «Naranjitos», de Ramalde (Porto). As condições do terreno continuavam péssimas. Vencemos por 4-3. O jogo decorreu em boa camaradagem.

As equipas que nos visitaram, desejamos felicidades e bons êxitos.

ESPIRITUALIDADE — Com o Advento a chegar ao fim, é altura ideal para uma reflexão sobre a nossa vida durante o ano litúrgico.

Por isso, os casais que servem a nossa Obra estiveram reunidos em Fátima; sem dúvida um bom local de reflexão, longe das tarefas diá-

rias, pois todos eles têm grande responsabilidade em nossa Obra.

O Retiro decorreu da melhor forma, assim nos disseram. E, graças a Deus, chegaram todos bem aos seus lares.

AGRO-PECUÁRIA — Os nossos lavradores começaram a podar as videiras. E a cuidar, também, das cepas que não resistiram ao mau tempo, durante o ano. É um trabalho demorado, pois temos uma grande vinha.

A nossa mata e a nossa quinta têm um panorama surpreendente, que, por vezes, nos leva horas a admirar toda a beleza; desde a água e o cavallinho à solta pelos verdes campos, até ao grupo de ovelhas que, muito alegres, despertam a atenção de todos nós. Não falando, já, da nossa vacaria — uma riqueza!

GAIATOS ANGOLANOS — São cada vez mais fortes os nossos laços com irmãos que pertenceram às Casas do Gaiato de Angola. Isto deixa bem claro o amor que por lá — e aqui — nos dedicam.

Estão de passagem, entre nós, dois irmãos da antiga Casa do Gaiato de Benguela, apesar dos naturais problemas de embarque. Agora, relembramos, com saudade, os anos que passámos juntos em terras de Angola.

O amor que existe em nossas Casas é sempre um amor forte, ainda que só depois de uma certa idade se avale muito melhor.

Esperamos que eles tirem o melhor proveito das suas férias e descansem dos problemas que têm na sua terra.

Carlos Alberto



AGRICULTURA — Continua a apanha da azeitona.

Todos os dias vamos para o nosso olival: os mais pequenos e os maiores, todos à procura desse fruto tão pequenino, dum preto bonito, luzidio. Enchem-se as latas e depois as sacas que são transportadas pelo tractor para a tulha. Quantas latas de «Compal» para encher três camionetas — a colheita deste ano?... É uma satisfação comer o fruto do nosso trabalho e sabe tão bem saborear as nossas receitas culinárias, sempre com uma gotinha do precioso azeite!

Mas também todos nós estamos muito contentes com as laranjas. Depois de muito trabalho — a poda, a rega e o cuidadoso e rigoroso tratamento contra os parasitas — eis o verde perfumado, laranjeiras e tangerineiras carregadas de fruta, moldura natural e viva a decorar a nossa Casa; e, mais do que isto, a doçura suculenta das laranjas e tangerinas que, aos centos, todos os dias se consomem à nossa mesa. Porque são criadas por nós, entendemos bem o valor da fruta que tantos Amigos nos oferecem durante o ano: maçãs, peras, morangos, uvas e, vejam lá!, até ananás e bananas... A todos o nosso obrigado.

ESCOLA — Falta menos de um mês para avaliação do fim do período e acontece que há ainda alunos sem aulas na nossa zona...! Falta de estabelecimentos de Ensino ou má organização de serviços? Bom seria, contudo, que os estudantes com aulas as aproveitem.

Bom trabalho!

CONVÍVIO — Mais um Domingo passado na companhia — sempre tão desejada — dos nossos Amigos da S. T. E. T.

Pelas 15 horas o nosso «estádio» vibrava de entusiasmo com o jogo disputado pelas equipas da Casa do Gaiato de Lisboa e da S. T. E. T.

Mais que a tática de jogo evidenciada ao longo dos 90 minutos do encontro, com lances, remates e idesfasas — a recordar os melhores profissionais do Mundial 82 — é de salientar o brio e corajão desportiva de todos os elementos em campo.

A vitória, contudo, pendeu, este ano, para a equipa da Casa. O troféu do jogo (taça), que segundo um técnico visitante só serve para beber uma vez e ficar em exposição, foi substituído por uma bola profissional que nos permitirá marcar mais golos, mais vitórias.

José Nunes

MIRANDA DO CORVO

FOGO — Como já temos dito, o fogo no ano passado queimou-nos as nossas árvores quase todas. Os nossos estudantes, nas férias grandes, andaram a cortar e a descascar os rolos de eucalipto e a colocá-los em carregadouro. Depois, camionetas de Amigos transportaram-nos para a Portucel, de Cacia. Foram 270 esteres.

Os senhores da Fábrica de Cacia foram nossos amigos e aceitaram-nos muito bem. Andávamos já a ficar fartos de rolos e de ferrugem e alguns andavam sempre enferruscados.

FRUTA — Com a colheita da maçã, que procurámos tratar e cuidar bem, enchemos os nossos sótãos e é uma maravilha para depois do almoço e para as nossas merendas.

Mas o Manuelzito, que é o nosso capataz, já nos anda a dizer que é necessário cuidadinho, pois a fruta está a levar um arrombo. Que pena quando ela acabar!

Pode ser que haja Amigos que se lembrem de nós e nos dêem da sua fruta, como já tem acontecido. Está bem?

AGRICULTURA — Este ano está a ser uma fanturinha de couves e de nabos! Semeámos um campo grande de nabos e alguns já estão com grandes cabeças. Que bom para a nossa sopa!

Há muita gente que se admira de searmos muitas abóboras. É que não sabem que a abóbora faz uma sopa deliciosa e dizem que faz muito bem aos intestinos e aos rins. Experimentem.

Os nossos animais também estão com sorte, pois os campos estão chei-

nhos de erva que o nosso João Aurélio semeou em dia de chuva.

GADO — Já há muitos meses que não víamos nascer animais cá em Casa. E já muitos andavam a dizer mal do nosso gado. Uns diziam que quatro vacas andavam cheias, outros teimavam que eram só barrigas de gordura.

Ora numa das últimas manhãs fomos encontrar um vitelinho já a saltar e no dia seguinte, à hora da merenda, os do gado vieram chamar para acudirmos a uma vaca que estava a gemer muito e nós fomos logo e ajudámos a vitelinha a sair da mãe. E agora ao vermos os vitelinhos a brincar e a saltar e as mães a darem leite até lhes fazemos uma festa.

VISITAS DE AMIGOS — Nos últimos tempos a nossa Casa tem sido visitada por muitos grupos de Amigos.

Veio um grupo de crianças de Casas Novas (Casais do Campo), apresentar um maravilhoso programa de três horas no nosso salão. Gostámos todos muito.

Veio um grupo de escuteiros, da Pedrulha, de Coimbra, que passou o fim de semana connosco. Muito bons rapazes e com boa vontade de ajudar a tudo.

Como todos os anos, no domingo passado, veio um grupo de jovens de Coimbra, com o Pe. Pelino, fazer um magusto connosco. Antes fizemos um jogo de futebol e as meninas foram muito azelhas. Apanharam muitas boladas e fugiam com medo da bola. Para a outra vez tragam sapatos em condições, para não fazerem tão má figura a jogar. Mas a tarde foi muito alegre e no fim fomos acompanhá-los à estação e a despedida foi muito amiga.

Veio também um grupo de catequistas, dum freguesia, com o senhor prior. Passaram a tarde connosco e os homens gostaram dum copito do nosso vinho branco.

Cá em Casa gostamos muito de ser visitados pelos Amigos e a nossa porta está sempre aberta.

Desejamos a todos Boas Festas de Natal.

Tonito

Notícias da Conferência de Paço de Sousa

• Mais Viúvas, mais carências, amarguras, aflições!

— Há dois meses que não arrecebo a pensão do Estado. Nem sei porquê! Escrevam uma carta... Eles cortam e não dizem nada! Q'hei-de dar os meus filhos?...

«Cortina de silêncio: «Eles cortam e não dizem nada!»

A pobre mulher, só pelo deferimento da magra pensão de sobrevivência do marido (funcionário público), esperou cerca de dois anos. São três contos e meio, mensalmente. Mas durante o impasse concedemos-

-lhe cinco deles por mês (para não perder a cabeça...) e, pelo custo de vida, já não eram mais do que um arrumudeio — como dizia.

Quando se dará fé da problemática das Viúvas!? Quando poderão elas criar os filhos decentemente, sem terem de os deixar... em último recurso? A doutrina que Pai Américo legou, neste particular, é tão rica, tão prática, tão actual!

Outra: Apesar de algo diminuída, em vida do marido tinha o indispensável, uma vida limpa. Entretanto, Deus chamou-o. Ela requer pensão de sobrevivência. Foi indeferida! Ele só havia descontado vinte e nove meses. Precisar-se-ia de mais sete para usufruir o direito! Segurança social aprazada...

Por mais loas que cantem, a Família continua algo marginalizada. E, como é óbvio, neste aspecto muito particular, as lágrimas das Viúvas são uma terrível condenação!

PARTILHA — Fundão: 1.000\$00 «com um abraço amigo», que retribuimos também com amizade. Rua Clemente Menéres, Porto, 100\$00. Senhora que nos visita assiduamente, 1.500\$00. Coimbra:

«Junto cheque de 2.000\$00 destinado a uma pequena ajuda na construção da moradia para a Viúva a que se refere a notícia publicada n' O GAIATO. Não é muito, mas é dada com imensa alegria!

«Elevo as minhas preces a Deus, assim como a minha família, para que problemas como estes possam ir desaparecendo ou pelo menos ser minimizados.»

Assinante 20881, de Braga, 1.000\$00. Espinho: «mensalidade de Novembro e Dezembro». África do Sul: 10 rands enviados, regularmente, com muita perseverança. Outra vez Coimbra — tarimba de Pai Américo! — com 2.000\$00 de M. P. S. Agora, Lisboa, Rua Paio Peres Correia: além do donativo uma carta amiga. Assinante 9790, de Oliveira do Douro, termina a procissão recitando esta prece:

«Ao pensar na facilidade com que cada um de nós se pode apresentar de um momento para o outro na presença do Pai, e ao notar ser tão grande tal Encontro, ousa pedir uma oração ao Senhor para que todos, sem excepção, nos conservemos simples nos Caminhos de Deus, para que esse Encontro, quando chegar, seja uma Alegria infinda e represente o Abraço da Felicidade perene.»

Mensagem de Vida em tempo de Natal!

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes



Rosária e François casaram no altar da Capela da nossa Aldeia, em Paço de Sousa.

Crónica

Reflectindo

Fomos ao Porto, em serviço. Partimos com ares de sol, mas depressa o tempo muda em plena cidade!

Andámos depressa; como sempre, ansiosos por regressar no primeiro transporte...

A chuva, porém, aumenta de intensidade, não permitindo, sem abrigo, nos expusésemos demasiado, até darmos conta do último recado com hora marcada, em velha Irmandade que os cristãos de séculos atrás — d'alma aberta ao Sermão da Montanha, quais percursos na tentativa de solução de problemas sociais (da saúde, às crianças e estropiados) — criaram a nível de Igreja, sim, mas abertos ao Mundo, para que, pela sua acção, as estruturas reinantes defendessem o Homem — sobretudo o Pobre — nas horas más. Dar de mãos fraterno, em todo o sentido! E, naquele tempo, com certeza, sem a complicadíssima burocracia oficial — que foi beber à mística destes cidadãos a acção (burocratizada) que hoje é.

O Porto é rico, neste particular! São instituições que marcaram o seu tempo, mas ainda hoje — apesar da natural evolução histórica, das voltas e reviravoltas dos homens — marcos que permanecem, e não de permanecer como luzeiros, desde que se respeitem as constituições, os votos, a doutrina, a Mensagem dos seus fundadores e cabouqueiros — baseada no Evangelho — e transmitida, religiosamente, às gerações seguintes.

Enquanto não chegava a hora precisa, abrigámo-nos em recinto público, que dantes palmilhámos com O GAIATO no peito, na boca — e no coração; onde tantas vezes, em

jardinadas com Pai Américo, tomámos o nosso **cafézinho da paz**, em delicioso convívio, mais doce que a doçura do açúcar... E, ao levantar da cesta, com nota de pago, sem a gente saber como nem por quem!

Aquela recordação fervilhava, como se ontem fosse hoje! E, para complemento circunstancial, uma imagem concreta (daquela época) surge agora a nossos olhos com eloquência dura, amarga: a pedincha, a procição de pedintes que invade a cidade, das ruas aos cafés, das moradias aos transportes públicos! O Porto parece ter regressado à década de 40... Somos instados por crianças, por jovens, por adultos, por estropiados, por cegos. É um matraquear!

Aquele tempo marcou-nos para todo o sempre! Pai Américo não dava moedas na rua. Nunca deu! Aqui e ali procurava saber... E, depois, caminhava ao encontro dos Pobres — conosco também — a suas casas, sobretudo na degradada zona ribeirinha, ainda hoje refúgio de miséria. Fazia o Bem bem feito — respeitando a dignidade do Pobre, e procurando, na medida das possibilidades..., a sua promoção social. Combatia a Mendicidade!

Quanto a nós, ao tempo assediados pela fome dos arduos, nunca nos entregava um centavo para distribuir, na rua, aos filhos da Rua — como nós outros. Nunca! Pãozinho, sim, aqueles que a gente conhecia. Não era pão pão. Mas senhas de refeição para matarem a fome em refeitórios económicos que então existiam. E, assim, se combatia a Mendicidade que, hoje (mais do que nunca), em muitos casos, é uma verda-

deira exploração do homem pelo homem...!

No meio deste turbilhão de mãos estendidas, surge-nos uma cega pela mão doutra mulher. Dissemos que não... Oh palavras! Nem permitiram que aduzíssemos razões! Foi um comício!... Fechámos a boca. Aceitámos a reacção, a humilhação — e os comentários dos circunstantes, que aproveitaram o caso para as suas (deles) conclusões.

Será que a Autoridade se demitiu da função específica de socorrer o Desvalido nas grandes urbes...?

Júlio Mendes

Correspondência de FAMILIA

Vendas Novas, 7 de Dezembro de 1982

Irmãos Gaiatos:

É Natal...

Recordar os anos em que passei o Natal junto dos que me são queridos é consolador porque recordo Pai Américo e todos aqueles meus irmãos que, «sem família», conseguiram ter um Natal em família:

— Um Natal feliz e alegre porque sentíamos uma família unida e capaz de apagar todas as recordações que nos deitaram ao abandono;

— Um Natal pobre porque não havia «presente rico» do Pai Natal e a pobreza material não podia dar lugar a extravagâncias porque havia outros irmãos fora das nossas Casas que também necessitavam de um Natal;

— Um Natal rico porque toda a pureza da Festa em si era uma recordação do Menino que também nasceu pobre. A fraternidade que Pai Américo nos deixou era a única razão de dizermos que o nosso Natal é mais rico que o dos ricos.

Não posso, de modo algum, deixar de pensar em todas aquelas crianças abandonadas que não têm a nossa sorte! A todas estas crianças vai o meu desejo para que um dia possam, como nós, terem uma capa de Pai Américo a cobri-lhes o frio e a dor que lhes vai na alma.

A todos os doentes que se sentem abandonados, vai também o meu desejo para que um dia tenham o seu Calvário — que Pai Américo, com tanto carinho, os quis presentear.

Recordemos as nossas Casas e irmãos de África.

Todos nós, rapazes e doentes do Calvário, temos que dar graças a Deus pela sorte que tivemos de sermos cobertos do frio e da dor pela capa do nosso tão querido Pai Américo.

Vamos também pedir ao Me-

Aproxima-se o Natal... É tempo de preparação, tempo de reflexão:

O nascimento pobre de Cristo que celebraremos dentro de dias, e aliás todo o Seu viver e morrer, é uma Mensagem simples, clara, que nos chama a atenção para os mais pobres, para os mais abandonados, para todos aqueles que sofrem, seja qual for a razão do seu sofrimento... E é tão grande o leque do sofrimento humano!

O Senhor chama a atenção de todos nós e a Sua Voz nunca se cansa, de tal forma que para Lhe fugirmos, temos que Lhe fugir todos os dias.

É grande o leque do sofrimento e grande o número de homens seriamente atingido por ele.

Por vezes é fácil não se dar conta disso, viver indiferente. Mas a realidade é viva e sangra.

As Casas do Gaiato estão cheias de rapazes. O Calvário que recebe doentes incuráveis, atinge o limite das possibilidades humanas de atender aos doentes que lá acabam os seus dias. A porta destas Casas batem constantemente casos aflitivos que deveriam ter solução, que deveriam ter amparo, mas que encontram as Casas cheias... sem lugar.

É tão verdade que a Obra

da Rua acaba por ser apenas um sinal, incapaz de calar a dor de tantos abandonados que continuam no abandono. Um sinal que pretende ser a voz de todos os que por não serem rentáveis (por ainda não serem... ou por terem deixado de o ser) não podem reivindicar os seus direitos, não são ouvidos nem contam nos comícios onde se debatem os problemas sociais.

Como eles, Cristo também não teve casa para nascer. A descrição, de certa maneira poética, do Seu nascimento, é um grito vivo à nossa consciência, à nossa capacidade de pobreza... Pobreza aqui não necessariamente material, mas fonte de humildade interior, virtude absolutamente necessária à nossa capacidade de olhar os Outros em si mesmos, capacidade de conhecermos e amarmos as suas dores e dificuldades.

Trago aqui, para juntares ao teu presépio, o partir sem solução de todos os irmãos que batem em vão à nossa porta, ou a outras portas semelhantes. O que te trago; podes pô-lo no lugar do Menino Jesus... Não foi Ele que disse, que o que fizéssemos ao Irmão mais sofrido, era como se o fizéssemos a Ele próprio? Faz então.

Padre Abel

Um homem de Esperança

É uma carta de Aveiro, assinada por «um pobre pecador» — como nós outros. Uma de muitas delas que a gente recebe, à roda do ano, e não pode ficar debaixo do alqueire. O Padre Moura é peremptório: «Vale a pena publicá-la... com estrelas e tudo!»

Aí vai ela, qual Oração dos homens de boa vontade de todo o Mundo — no altar do Mundo — com a mesma Fé e Esperança dos primeiros cristãos em Jesus de Nazaré:

«Vem aí o Natal, a Esperança sempre renovada que ninguém consegue apagar.

O fogo que tantas tragédias causa, também pode arder no coração dos homens.

As estrelas do céu são uma maravilha como espectáculo

nocturno, mas graças a Deus também consigo ver as estrelas da Terra: Teresa de Calcutá, João Paulo II, a Obra da Rua, são as mais brilhantes que os meus olhos vêem neste momento, mas sei existirem milhões delas no amor humano, prontas a brilhar.

Viajo muito e estou atento aos problemas do Mundo: a fome, a miséria, a prostituição, a droga, a corrida aos armamentos, o sufoco das liberdades, as sociedades de consumo, o excesso de riqueza, as desigualdades gritantes, os fanatismos, etc. — tudo isto me impressiona muito.

Como resolvê-los?

Só matando os medos, os ódios, os orgulhos, os egoísmos, etc.!

Vai custar; mas se olharmos para trás vemos que muito já se fez.

Sou um homem de Esperança. E se cada um fizer o melhor que puder à volta do seu convívio humano, o Mundo melhorará.

Admiro o Belo!

Sei que são feios os bairros de lata e os casebres. E crianças a morrer à fome, como é possível?! E o Calvário, é bonito?

Deus permita que este Natal seja o grande abanão para

Cont. na 4.ª página

Aqui, Lisboa!

Cont. da 1.ª página

ainda o Papa, com a sua voz autorizada, louva as culturas «que manifestam veneração singular e grande amor pelas pessoas de idade: longe de ser excluído da família ou de ser suportado como um peso inútil, o ancião continua inserido na vida familiar, tomando nela parte activa e responsável — devendo embora respeitar a autonomia da nova família — e sobretudo desenvolvendo a missão preciosa de testemunha do passado e de inspirador de sabedoria para os jovens e para o futuro».

Uma família onde os seus membros não são solidários, não vivendo as horas e os acontecimentos bons e maus com empenho e dedicação, é uma família destruída ou que não funciona. Uma sociedade onde as famílias unidas são excepção é uma sociedade decadente,

te, a caminho da corrupção. Colocar os anciãos fora do ambiente familiar, porque dão trabalho ou cerceiam um tanto a busca de prazer ou de gozo, aliás nem sempre legítimos, é um verdadeiro atentado às regras de convivência humana. É algo de coisificação das pessoas, equivalente ao deitar para o caixote do lixo algo que está envelhecido, desgastado, ou com avarias e já não presta. Infelizmente, para mal dos nossos pecados, trata-se de uma situação corrente, assaz deplorável.

Continuaremos.

Sai este número de O GAIATO em pleno Natal. Tal facto dá-nos o ensejo de saudar toda a Família da Obra da Rua e de a todos formular os melhores votos.

Padre Luiz

Manuel Fernandes

Partilhando

■ Anoitecia e fazia muito frio. Apetecia-nos estar dentro de casa, ao calor de uma lareira grande, e a conversar com alegria. Aquela hora, todos pensavam no regressar a casa. Apressados, ansiosos por chegar. É o fim do dia. O descanso de quem trabalha. Isto é assim naturalmente. Mas não; há casos que dizem o contrário. Aquela hora, uma rapariga ainda muito nova e mãe de dois filhos vem dizer-nos que quer deixar o seu lar. Deixar o marido e deixar-nos os filhos. Ele bebe álcool que não o deixa trabalhar e eles — filhos — o hábito amargo da separação. E ela, a dor do nosso não. — Não pode ser...

Deixou-nos; com lágrimas nos olhos, desapareceu...

No outro dia de manhã, o marido procura-nos — a cara sorridente e a cheirar a agradável. Pergunta-nos se sabemos da mulher e dos filhos e ia-se lamentando por essa manhã de trabalho perdida por causa deles.

Por estes, uma manhã perdida de trabalho... Pelo álcool, quantas perdidas! Tudo perdido! E ele, a mulher, os filhos, o lar... Mais um lar desfeito!

Anoitecia... Era o primeiro dia da separação. Pobres crianças!

■ Temos recebido, ultimamente, ofertas ricas de sentido social. De partilha e solidariedade. São de gente nova! O primeiro ordenado ganho é a primeira oferta dada. Anonimamente... Só Deus sabe e conhece tudo.

Isto revela coisas novas. O primeiro emprego é uma meta difícil de alcançar! Quem o consegue sente a concretização de promessas feitas. Sente a gratidão... pois o direito ao trabalho deixou de ser direito em muitos casos. Não havendo trabalho há confusão do direito com o avesso. Há desordem social. Até à perda da dignidade humana. E o contrário também é verdade. Casos de haver trabalho e não haver quem. Ora aqui já tudo é diferente e mais complicado!

Por isso, as ofertas do primeiro ordenado são reveladoras. Dizem bem e muito de quem dá. E mal, e muito, da sociedade criadora de vazios como... o do primeiro emprego! E é tudo.

■ O «Chico das pombas» morreu. Ele foi dos primei-

ros rapazes da nossa Casa de Paço de Sousa. E a nossa Obra continua assim a crescer para o Céu... Filhos ao encontro do Pai!

Aqui vai um testemunho da sua eternidade:

«Somos um grupo de trabalhadores da Electricidade de Portugal — E. D. P., que vimos, por este meio, enviar a essa distinta Casa a importância de 5.000\$00 por alma do gaiato e nosso colega Francisco de Pinho Ferreira, o «Chico das pombas», que de junto de nós Deus levou no passado dia 5 do corrente, para que a sua Alma seja sempre louvada e descanse em Paz.

Com os nossos agradecimentos, subscrevemo-nos,

Um Grupo de Trabalhadores da E. D. P.»

■ O Natal é, outra vez..., o cumprimento das Promessas de Salvação. É a Verdade de Deus, dita aos Homens na simplicidade e no mistério. É Jesus Cristo. E somos nós também quando o vivemos em cada segundo ou ano da nossa vida, lado a lado com os Outros e Ele.

Padre Moura

CANTINHO DA FAMÍLIA

1 de Dezembro. A manhã está fria. A relva coberta de geada. A pouco e pouco, o sol rompe o denso nevoeiro na encosta da serra. Da janela, vejo o grupo dos mais pequeninos a brincar no campo de futebol, em exercícios de aquecimento. E lembro-me da família.

Pai Américo quis a Casa do Gaiato ao jeito de uma família. «Fazer de cada rapaz um homem» é o objectivo da Casa do Gaiato. O ambiente natural onde nasce, cresce e se faz o homem é a família. Pensar no homem é pensar na família. O equilíbrio ou desequilíbrio de cada um anda ligado normalmente à família. As raízes de tanto bem e de tanto mal que nos aflige, devem procurar-se na família. Toda a gente sabe que a sociedade é o que for a família. É a célula de uma comunidade humana saudável. Por isso, cuidar da família deve ser a grande preocupação de pais e filhos. Educar para a família

é ponto de referência necessário na acção da Casa do Gaiato. Ela é, por definição, a Casa de família dos sem-família. A sua coroa de glória está nas famílias geradas no seu ventre materno. As grandes alegrias estão aí. Suas grandes dores também nascem aí. Investir na família — semear muito amor — criar comunidade de vida — é descobrir novas fontes de vida.

Há dias, visitei algumas casas onde moram rapazes nossos com sua família constituída. Pais e filhos, rebentos da mesma cepa, são um cântico à vida de família.

— Quando os filhos eram pequenos, dizia a mãe, agarravam-se mais a mim. Agora, já crescidos, conversam, conversam muito com o pai. E o pai escuta-os com atenção, no fim do trabalho; à hora da refeição; depois, ao ser. Que lindo que é! O bar, o café, não rouba o lugar da família.

A comunidade de vida, nascida da união do homem com a mulher, cresce e prolonga-se nos filhos. A família é o ambiente natural onde se faz o homem equilibrado. Fazer de cada rapaz um homem, pede grande esforço. É a razão de ser da vida dos pais de família.

Ontem, vivi horas muito felizes com a visita de dois casais que foram da nossa Casa. Falámos de muitas coisas. Falámos dos filhos. Falámos da família. Dois lares felizes a dizer bem do Lar que os gerou.

Padre Manuel António

◆ Apesar de já não ter a inocência das crianças para pedir prendas de Natal ao Menino Jesus, tenho obrigação de me servir do dom da fé que Deus me deu e com esta fé pedir a Deus-Menino prendas de Natal para todos os meninos que são vítimas da falta de amor dos pais.

Quero pedir a Deus-Menino o dom da Paz para todos os homens, especialmente para os casais que a procuram para sua vida de casal e familiar.

Quero pedir a Deus-Menino Boas Festas para todos.

Padre Horácio

DOCTRINA

● Há fortunas que esmagam os seus possuidores. Gente incapaz de dar um passo por amor de ninguém, vive esmagada sob o fardo doloroso de inúteis haveres. Dá pena!

● Tantos vasos de alabastro que se quebram por esse Mundo fora, nardo precioso sem proveito para ninguém! Para quê e para quem, este desperdiçar?! Judas teria toda a razão, se o gesto de Madalena não fosse um acto de amor ao Mestre.

● Muitas vezes Jesus entra... pelas mãos dum Pobre. Não percamos nós o sentido sobrenatural da vida, que nos faz ser tão divinamente atrevidos. Para o bem como para o mal, é necessária audácia; muita audácia.

● Chuva miudinha, chuva de Natal...

«Que as núvens chovam o Justo» — canta a Igreja nesta quadra do ano.

Christus hodie, hoje e sempre a mesma voz divina a segredar aos corações as palavras de despedida: «Amai-vos uns aos outros assim como Eu vos amei e nisto conhecerá o Mundo que sois Meus verdadeiros discípulos».

O. Amis. 5!

TRIBUNA DE COIMBRA

◆ Se eu ainda tivesse a inocência das crianças havia de pedir ao Menino Jesus, de prenda para este Natal, havia de pedir que os pais nunca mais matem as mães e que as mães nunca mais matem os filhos e que todos vivam em Paz.

Fiquei com o coração a sangrar. Tive de acompanhar um dos nossos ao tribunal. Ele

tem nove anos e veio com outro irmãozito. Viu como o pai matou a mãe. Estão a constituir o processo. Tiveram de ouvir o menino. O que ele contou! As atrocidades que ele viu! A simplicidade com que ele disse tudo! A delicadeza com que o Juiz promotor do processo procurou fazer o interrogatório!

O cinto dependurado na trave, o sacho de cabo comprido, os garrafões, os baldes de água, a fogueira, as combinações esfarrapadas, o sangue, a agonia, a morte. Tudo no coração e na alma destas crianças: meninos e meninas.

Passou agora junto de mim o irmãozito que fez ontem seis anos. Olhos que são faíscas perdidas à procura de outros olhos. Tantas vezes ele se põe na minha frente com os bracitos abertos. A sorrir triste. Como ele espera que chegue o Zé António, de onze anos, para se sentar no seu colo e assim ficarem os dois a ver televisão! Já se conheciam quando vieram para nossa Casa.

Um homem de Esperança

Cont. da 3.ª página

o Homem acordar e se lembrar que tem que ajudar a construir um Mundo melhor.

Aqui vai a minha fagulha de amor para o Calvário, Obra que tanto admiro, assim como a estrela que lhe dá vida — o Padre Baptista.

Um pobre pecador»



Gaiato

Director: Padre Telmo Chefe de Redacção: Júlio Mendes
Redacção e Administração: Casa do Gaiato — 4560 PAÇO DE SOUSA — Telef. 952285
Composto e impresso nas Escolas Gráficas da Casa do Gaiato — Paço de Sousa